

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 11

QUAL O PAÍS DO FUTEBOL?

Francisco Bosco

O futebol brasileiro passou recentemente por uma crise profunda sem precedentes na sua história. Essa crise teve dois marcos, o primeiro foi a, a final do mundial interclubes entre Santos e Barcelona em 2011 quando o Barcelona de Guardiola enfiou 4 x 0 no Santos de Neymar e Ganso; a segunda, o segundo marco, claro, os 7 x 1 contra a Alemanha. Pois bem, em meio a essa crise o que mais se pensou a princípio foi que o Brasil tinha se afastado do seu modo de jogar futebol, futebol arte. Então a CBF chamou o Mano Menezes que devolveu a Malta o espelho perdido do protagonismo espetáculo, deu errado. Em seguida chamaram o Parreira e Felipão porque ainda dentro de uma perspectiva de recalque do movimento histórico acreditou-se que bastava ao Brasil voltar a ser o que era, tomamos a maior goleada da nossa história. Por fim e de novo chamaram o Dunga porque o último recurso da incompreensão é a raça e o autoritarismo. A verdade histórica, entretanto, estava alhures, o que estava acontecendo no futebol não é que o Brasil tinha afastado, se afastado do seu modo de ser futebolístico e por isso perderam o protagonismo. O que, o que estava acontecendo era que o modo de ser do futebol tinha se afastado do Brasil e por isso o Brasil estava se relegando à inferioridade. Aquele futebol que predominou ao longo do Século XX que era aquele futebol livre com espaço para o improviso, com uma grande defasagem entre a produtividade e o resultado, o futebol do protagonismo, da poesia, do drible isso foi dando lugar a um esporte cada vez mais parecido com os demais esportes aonde havia predomínio da racionalidade, do planejamento, da ocupação dos espaços, da eficiência. No fundo era o modo de ser cultural anglo-saxão dominando um dos últimos redutos culturais que lhe ofereciam resistência no mundo globalizado. Quando o Barcelona do Guardiola enfiou aquele sapeca iaiá no Santos o Guardiola disse que o seu time apenas tinha jogado futebol brasileiro de antigamente. Não era verdade. O time do Guardiola representava uma revolução do futebol, o advento de uma espécie de era da tática e foi por isso que só agora o Brasil parece estar

conseguindo sair dessa crise. Nós fomos obrigados a desrecalcar o movimento histórico, a assumir que o futebol mudou e a tentar nos atualizarmos na dimensão tática, a crise brasileira exigia um aggiornamento tático e por isso ela foi resolvida com a figura de um técnico, um técnico, Tite, conhecido não pela sua figura folclórica, condescendente, paternalista mas pela sua linguagem.

Antonio Risério [Antropólogo]

Tem uma palavra que atravessa curiosamente três grandes criações culturais brasileiras, futebol, o samba e a capoeira. Todos os movimentos feitos nessas três, nesses três campos, movimentos corporais, recebe a mesma definição, ginga. Ginga é uma palavra bantu, nzinga, quer dizer serpentear, balancear o corpo. Quando esse corpo mestiço entra em contato íntimo com a bola ele molda a bola ao seu desenho e aí começa a criar jogadas. É assim que o Brasil cria não estratégias táticas mas tudo em cima do corpo, é a, a bola descaindo no peito, a bola matada no peito do pé suavemente, a trivela e o voleio elegante. O Brasil se especializa em micro jogadas dentro de campo. Nós somos um país que inventa jogadas não táticas, é curioso isso. Didi inventa folha seca, Rivelino se especializa nela, chega Zico aqui no Flamengo e cria um negócio fantástico, quem não é do Flamengo não vai gostar, que é a dupla folha seca porque Zico conseguia imprimir uma curva horizontal na bola mas com movimento lateral de subida ou descida, ele fez a dupla folha seca. Quem vai explorar isso ao extremo é Roberto Carlos na lateral esquerda da seleção e no Real Madrid com uma vantagem, porque ele, ele usa o movimento duplo do Zico com aquela potência do chute dele que ninguém tinha igual. Ele dizia que ele, ele chutava na válvula da bola, né, pouquinho abaixo para poder dar esse movimento. Aí um detalhe técnico que... Mas o, o que eu quero dizer é o seguinte, tudo isso você olhando é escola brasileira de futebol, ela é mestiça. Agora, se você for olhar na cultura brasileira o que que ela mais parece é o barroco. Tudo que você fala do barroco, poesia do excesso, mais valia de signos, enfeitar os sentidos, um floreio a mais, um voleio, o, o Ro... Romário... Ronaldo pedir, pedir desculpa porque fez um gol de bico, o passe tem que ser assim em curva, tudo isso é o barroco. Mas o fato dessa escola de futebol ser mestiça e ser barroca é que permite que a gente aproxime o Aleijadinho e Garrincha, Antônio Vieira e Pelé, Guimarães Rosa e Didi, Haroldo de Campos e Ronaldinho Gaúcho.

Fred Coelho [Historiador]

Existe uma ênfase para falar de corpo no futebol no caso brasileiro por conta da escravidão, porque foram pessoas que retiradas delas a possibilidade de você poder na sociedade se relacionar com a vida, com a sua formação para além do que seu corpo pode oferecer enquanto força de trabalho. Então, futebol brasileiro quando eu falo de uma relação de futebol com o corpo não é uma relação ligada à ideia lá Gilberto Freyriana da ginga natural, ou de um certo jogo da capoeira e de todas as situações que a especificidade do jogador negro brasileiro passaria por isso, eu acho isso... Eu coloco num lugar um pouco mais problemático, o corpo ama o futebol porque é o que resta a alguém que foi retirado ou que foi pelo menos minimizada a possibilidade de participar da sociedade pelas possibilidades ofertadas a eles, seja assim: “Você escolhe”, como é o jovem de classe média brasileira: “Você escolhe, você quer ser dentista, você quer ser designer, você quer jogar bola na escolinha do Barcelona ou você quer ser um cineasta?”.

Antonio Risério [Antropólogo]

Aqueles es... Escravos saindo da escravidão e seus descendentes ali de repente descobriram que o jogo podia ser uma profissão. Então o, o jogo se torna um instrumento de, de, de emancipação social e por isso mesmo capaz de criar uma identidade entre jogador e multidões que queriam essa emancipação. Isso eu acho das coisas mais fascinantes. E a outra é que esse exemplo do campo de futebol ainda hoje não foi traduzido para a sociedade brasileira, que é o único lugar no Brasil onde se realizou de fato a democracia racial, o único, porque no campo você escolha seu time, você não olha, você olha as competências. Como é que você escala a seleção brasileira? Não é pela cor, não é pelo nada, você escala a seleção brasileira porque eu quero ganhar o jogo.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

A gente pensa por exemplo que um, um Lima Barreto tinha horror do futebol, o Lima detestava o futebol. Quando o Lima dete... Falava mal do futebol, o Lima morre em 1922, não é, quando ele falava mal do futebol ele dizia o seguinte: primeiro, ele achava que o futebol exacerbava as tensões raciais brasileiras, ele estava a serviço do racismo, né, porque foi o esporte introduzido no Brasil a partir dos brancos, dos descendentes de europeu. Segundo, o Lima achava que o futebol quando era jogado nas fábricas ele era alienante, ele tinha uma bronca enorme, por exemplo, porque a Fábrica

de Tecidos Bangu tinha um time de futebol e o Lima era muito ligado aos anarquistas espanhóis no Rio de Janeiro que diziam que os donos de fábricas marcavam os jogos de futebol para sábado porque nos sábados havia reunião dos trabalhadores, então para tirar o trabalhador da reunião você botava o cara para jogar bola, né, o Lima tinha essa visão. Por que muito provavelmente porque o Lima Barreto ele não assiste o que acontece com o futebol brasileiro, não é, porque o futebol brasileiro ele vai sendo capturado de uma forma intensa pelas camadas populares, ele vai sendo capturado pelos afrodescendentes. Um ano depois do Lima morrer você tem o título carioca do Vasco em 23, né, que joga com um time formado por operários e negros, né. Mas por que? Aí é mais um dos paradoxos brasileiros. Como o Brasil foi um país que como projeto de Estado resolveu que não ia incluir os afrodescendentes, os descendentes de pessoas que foram escravizadas os canais que essas pessoas encontraram, não é, para se integrar socialmente, para formar laço de sociabilidade, né, esses canais foram canais não formais e o futebol acaba sendo um canal vinculado a isso, sobretudo por conta de um detalhe, o futebol no Brasil durante muito tempo foi amador, mas num certo momento o futebol começa a ser tão popular que ele vai se profissionalizando e aquela elite branca que jogava futebol no princípio tinha as suas profissões, eram médicos, eram advogados, né, eram estudantes que se formavam em engenharia e etc. Com o processo de profissionalização essa turma amadora vai se afastando e quem que começa a chegar ao futebol? Exatamente aqueles que não tinha outros canais de inserção social, os subalternizados, os negros. Então o futebol vai sendo maravilhosamente capturado e ele se transforma num meio de ascensão social do negro, isso é que é fascinante, não porque o Brasil não seja racista, ele se transforma porque o Brasil é.

Guillermo Guicci [Historiador]

Por um longo tempo o futebol foi uma parte importante da autoafirmação nacional. Em 1950 foi muito interessante porque com a derrota no Maracanã os culpados foram os negros, a imprensa culpou rapidamente o goleiro Barbosa, o bi... O Bigode, o lateral, e teve uma discussão racial sobre o tema, e Mário Filho, que escreveu o livro O Negro no Futebol Brasileiro, a primeira edição antes de 1950, posteriormente fez uma revisão do livro para incorporar o grande aporte de Pelé e dos negros no futebol brasileiro.

Fred Coelho [Historiador]

Por que o jogador de futebol brasileiro é específico? Por que o jogador de futebol brasileiro é diferen... Era, né, diferente, superior naturalmente? Todas as explicações passaram durante muito tempo pelo corpo, óbvio que isso já caiu, né, isso é até politicamente incorreto, digamos assim, mas raramente se pensou isso do ponto de vista da valorização de uma inteligência específica. Pelé ele era o maior atleta, Pelé não era um gênio da bola porque ele tinha uma inteligência superior, pode até algumas pessoas terem dito isso, mas Pelé é porque o corpo do Pelé respondia de um jeito diferente dos outros.

Lorenzo Mammi [Crítico de arte]

Futebol em si é um esporte muito estranho porque é um esporte muito imprevisível, né, é um esporte em que você está continuamente corrigindo erros, né. As melhores jogadas vêm porque a bola espirrou, porque você queria matar, ter um... Tem uma gol do Ronaldinho Gaúcho extraordinário que ele fez ainda no Barcelona e que fizeram um passe ele tentou matar de peito, pegou na... Pegou no ombro e aí foi para trás, aí ele virou e tentou dar uma bicicleta com o pé, mas no meio percebeu que pegou a curva... Mudou de pé deu uma puxadinha e fez gol, um gol maravilhoso. Mas esse eu acho um exemplo que ficou da jogada de futebol, você está corrigindo continuamente e vivendo do, do momento exato. Essa coisa de não ter regra mas ter só a jogada eu acho que tem a ver, tem a ver com uma coisa mais próxima da arte.

Paulo Sérgio Duarte [Crítico de arte]

O público vê o futebol, o... A arte do futebol nos indivíduos, nos jogadores, um Garrincha, né, que era uma coisa espetacular, o Pelé, o, o... Então o, o Didi, a folha seca. Essas coisas então eu acho que é individualizado sim, a arte que existe no futebol brasileiro eu acho que predomina menos para o conjunto do jogo e muito mais focado em certos indivíduos que realmente marcaram a história do futebol mundial, né.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

E o futebol brasileiro quando é chamado de futebol arte é porque eu acho que ele, ele incide muito nesse ponto de uma gratuidade que é graciosa e, e esse ponto é um pouco que explica também a falta de identificação dos norte-americanos com o futebol, porque a cultura americana ela, ela é muito voltada à produtividade, você produz coisas com sentido produtivo, acumulativo, os esportes que os, que os americanos gostam, o

basquete, o beisebol, você vai acumulando pontos, você faz mais de 100 pontos, você vai, né, você conquista territorial no rugby, você vai, futebol americano, você vai avançando pouco a pouco no território, vai conquistando. Esse sentido produtivo escapa completamente ao futebol, seu componente artístico que tem no futebol brasileiro ele incide muito no balé corporal, na autonomia da expressão do corpo, né. Os jogadores brasileiros em campo e ainda hoje, mas muito... O Garrincha é o grande símbolo disso, é, é coreográfico mesmo, mas com coreográfico solista, né, não é uma coreografia como, como a da laranja mecânica holandesa que funciona toda coletivamente. Os, os nossos grandes craques eles são... O grande bailarino Garrincha, né, que, que girava em volta da bola transformando os... Fazendo os, os defensores trombarem e caírem no chão, uma coisa quase pastelão, né, meio chapliniano e em nome de uma gratuidade total muitas vezes. Aquelas coisas que se conta que o Garrincha às vezes driblava todo mundo chegava na, na linha do gol e não fazia o gol e voltava para driblar mais. Quando é que alguém... Um americano nunca entende isso, né, não faz o menor sentido do ponto de vista da eficácia produtiva, mas tem a sua graça e essa graça é corporal, ela tem origem na escravidão, na capoeira e num monte de formas de expressão de autonomia corporal e de beleza que perpassam e entram no futebol e hoje se colocam no campo da cultura do espetáculo.

Fred Coelho [Historiador]

Eu acho que a gente, a gente ficou muito tempo feliz ou muito tempo satisfeito com o futebol arte brasileiro, porque era uma marca que explicava a diferença com a frieza técnica racional do futebol europeu por exemplo, isso a gente tirar da jogada o futebol argentino, cuja ideia de paixão, cuja ideia de garra, né, cuja ideia força veio sempre ligada à qualidade, veio sempre ligado ao gênio, né. O futebol brasileiro, o futebol argentino a batalha que eles travaram na América Latina sempre foi essa, a diferença que nós temos o que? O elemento negro no nosso selecionado, na seleção brasileira, coisa que eles não têm até hoje, nunca tiveram e não terão, talvez, imagino eu. Apesar de que no futebol existe um fenômeno também contemporâneo interessante, que o futebol passou a ser um lugar da tática, do pensamento, do jogador inteligente, é o que a gente tem lido ho... Hoje em dia, jogador... “Fulano é muito bom porque tem um QI alto, porque ele tem uma inteligência”, acho isso excelente, como torcedor eu entendo isso, né, um jogador de meio-campo ser inteligente, conseguir articular, porque esse é o fascínio do futebol que não se explicava antigamente por esse viés, o jogador

como um Pelé, um Leandro da Silva, um Didi, vamos falar de nomes que a gente já conhece, cuja óbvia inteligência era sempre recalçada por um corpo naturalmente dado a um tipo de relação física que só pode vim de uma origem africana, de uma origem lúdica, de uma origem... E não de uma inteligência, de uma, voltamos à discussão do Max Bense, de uma razão tropical, de um cartesianismo brasileiro.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

O paralelo entre Garrincha e, e Macunaíma, quer dizer, o gênio dos pés tortos ou do joelho torto, não é, o nascimento precoce, a, a feiura, não é, uma espécie de, de, de, de esperteza dada pela absoluta falta de, de inteligência no sentido convencional, não é, da inteligência, quer dizer, o desconcerto e está dado tanto nas frases de efeito, não é, do Garrincha que podem ser comparadas às do Macunaíma mas o desconcerto diante do adversário, não é, quer dizer, o momento do drible absolutamente, não é, quântico digamos assim, estou aqui de repente, ploft, estou do outro lado e ainda que o adversário soubesse que ele... Que esse ser explodiria do outro lado nada foi feito para, para evitar. Quer dizer, e de novo a gente está aqui em plena... Quase que no, no... Diante do abismo, não é, que nos levaria a, a saltar e a fazer o grande elogio dessa civilização nos trópicos, não é, dessa gratuidade estrutural, dessa capacidade dele liba... De driblar, desse jeitinho, não é, desse... Mas, mas claro, aí a questão passa a ser, bom, ainda no, no campo metafórico e abusando um pouco das metáforas, né, que, que nação se faz de Macunaímas ou de Garrinchas, não é, quer dizer, como é possível uma, uma nação de Macunaímas, né.

Luiz Camillo Osório [Filósofo]

O que a gente percebe é que o jeitinho tem sido uma maneira de evitar, né, uma eficiência, né, tem sido uma maneira de driblar a eficiência, e no, no futebol o jeitinho é eficiente, né, como é que a gente consegue fazer disso um projeto social! Agora, né, até aí a gente está passando também por um certo embaraço, né, o 7 x 1 foi, né o... É evidência de que alguma coisa no nosso futebol estava dando errado.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Essa revolução tática ela deslocou a supremacia do improvisado que foi a supremacia que fez com que o Brasil tivesse um lugar de altíssimo destaque ao longo do, do, né, do século XX principalmente a partir da segunda metade no futebol, e fez com

que essa capacidade individual do improviso fosse engolida pela revolução tática, porque a revolução tática foi tal que já não deixava ou deixava muito pouco espaço para que o improviso se colocasse. A consequência disso foi que o Brasil foi destronado com uma violência enorme do seu tradicional protagonismo no futebol, e aí entra a grande leitura, né, diferentemente dos europeus e sobretudo dos alemães e não à toa a 7 x 1 foi contra a Alemanha, o Brasil não tem e não teve a capacidade de planejamento, a capacidade de compreensão de um problema, assimilação do problema e resposta ao problema.

Nuno Ramos [Artista Plástico]

Eu acho que houve um projeto ideológico totalmente estapafúrdio dizem tipo sim da ditadura militar com 30 anos de atraso, tipo anos 70, entendeu, que se projetou ali que o 7 x 1 é resultado disso. Aquele era um jogo para jogar composto, para jogar composto, jogar ali, entendeu, deixa eles virem vamos ver, era, era esse o jogo, não é para ir para cima da Alemanha com Bernard dando driblinho lá na ponta-esquerda, isso não ia dar certo nunca. Eu acho que houve uma piração de ordem ditadura militar que atravessou a esquerda e a, e a direita num consenso sobre a verdadeira identidade do futebol brasileiro e tomou um saco de 7, né, e que era para tomar mesmo. O país, sabe que eu fiquei espantado, eu achei que as pessoas reagiram bem ninguém, ninguém morreu, ficou... Quer dizer, não teve uma reação anos 50. O futebol também já não está nesse lugar que eles estavam tentando criar, esse lugar do consenso, da unidade nacional, de se sentir perseguido contra o juiz tal porque disse não sei o que, porque, entendeu? Não estava! O país ta... Estava mais interessante do que o, o projeto do time, né, então achei engraçado, eu senti o tempo todo uma coisa assim hiper ufanista. Aí a derrota me pareceu é... Esse nível de derrota me pareceu o castigo à transcrição futebolística desse ufanismo anos 70 e a recepção que, que o público fez disso não foi, não foi essa, foi uma coisa assim com alguma distância, entendendo, ninguém... Eu lembro dos, dos jogadores alemães com medo no final do... “Olha gente, é só um jogo”, com medo de que houvesse alguma coisa mas não teve nada, entendeu, quer dizer, o futebol também já está em outro lugar aqui dentro.

João Moreira Salles [Cineasta]

É assim Feola, Zagalo, Parreira, Scolari, Dunga, Scolari 2. Você tem um percurso aí, eu pulei algumas pessoas, você tem mais ou menos um percurso que para

mim é o percurso que escreve uma tragédia e a essência dessa tragédia é uma progressiva infantilização do jogador brasileiro que vai, que vai lá no 7 x 1. O que eu quero dizer com isso? Se você pensa no Feola que ti... Tem um pouco o ar, o ar de ser um bobo, dormia nos treinos, essa história toda, mas o Feola era um sujeito que estava atento àquilo que seus jogadores diziam, aí em determinado momento da Copa de 58 o Nilton Santos e o Didi sentaram com o Feola e disseram: “Olha, melhor você colocar esse menino, tem 17 anos, esse cara é bom de bola, se chama Pelé”, e depois e disseram: “Olha, tem esse cara aqui com a perna meio torta, um sujeito meio esquisito, mas bom de bola a gente está precisando”, o Feola ouviu metabolizou achou que era uma boa ideia, pôs Garrincha, escreveu a Copa. Todo mundo se lembra do primeiro gol que a gente toma, né, na final, e o Didi, é o cara que vai até o fundo do gol, toma a bola calmamente leva ela para o meio de campo, coloca ela no centro e diz: “Não se assustem nós somos melhores, a gente vai vencer”, e vencemos. Nesse percurso que vai de Feola até Zagalo, Parreira e Scolari e chega no pior deles que é o Dunga o técnico se torna um professor, um sinal de que tem alguém que manda e gente que obedece, quem manda é o técnico quem obedece é o jogador. A família Scolari exprime isso, né, eu acho que o sinal maior se vê do momento em que o jogador deixa de ser um adulto e se torna uma criança, aquela coisa um pouco patética deles entrarem em campo de mãos dadas como se fossem alunos perfilados entrando em sala de aula ou indo para o recreio. Acho que nesse momento os caras deixam de ser adultos com agência, adultos com capacidade de decidir sozinhos em campo quando alguma coisa não funciona, eles olham sempre para o técnico, se você olha, se você vê as partidas a partir de 98, 2002 por aí só quem grita é o técnico o jogador não grita e você tem, e você tem o ocaso da liderança. Em 2014 você não tem ninguém capaz de tomar qualquer decisão em campo. Você chega à disputa de pênaltis contra o Chile e você tem o capitão da seleção brasileira, Tiago Silva, sentado em cima da bola de costas para os cobranças e chorando convulsivamente, virou uma criança. E quando você chega no jogo da Alemanha é o que é, entende, você toma o primeiro gol, você toma o segundo gol e ninguém tem capacidade de tomar uma decisão em campo porque já perderam essa capacidade de agir, entende, eles olham para o pai, né, para o, para o líder, para o comandante, para a figura forte, a única figura que é, é capaz de tomar uma decisão e naquele momento não foi capaz porque ele tinha diante de si 11 sujeitos inteiramente desequilibrados sem capacidade de se reorganizar em campo, não tinha mais alguém como o Didi capaz de pegar a bola, enfim, no, no fundo do gol e dizer: “Vamos acertar isso daqui”. Eu tenho a

impressão que ao contrário de 50 que foi uma tragédia mas não uma humilhação o 7 a 1 foi uma humilhação mas não foi uma tragédia, porque para que haja uma tragédia você precisa ter herói e você não tinha mais herói você tinha meninos, entende, e os meninos não são heróis.